

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

WALLACE ROBERTO DO NASCIMENTO SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO
NA PRODUÇÃO DOS TCCS DO CURSO DE LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIFOA**

VOLTA REDONDA

2018

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO
NA PRODUÇÃO DOS TCCS DO CURSO DE LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIFOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aluno: Wallace Roberto do Nascimento Silva

Orientador: Adilson Pereira

VOLTA REDONDA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Wallace Roberto do Nascimento Silva

Título do trabalho: Relações de Gênero na Produção dos TCCs do Curso de Licenciatura em Educação Física da Unifoa

Orientador: Adilson Pereira

Banca Examinadora:

Prof.

Prof.

Prof.

VOLTA REDONDA

2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, ao meu orientador, amigos
imprescindíveis à construção deste trabalho,
pelo norte de caráter, educação e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Aos mestres e professores que me guiam e inspiram a ensinar e aprender. Ao professor Dr. Adilson Pereira pelas lições pessoais e profissionais. A minha mãe, a razão e o sentido. Aos amigos Marcos Lírio, Wilson Moura, Paulo Luppín e Napoleon Henrique pelas ideias e pela construção de algo maior. Ao Curso de Licenciatura em Educação Física, pela motivação e pelo novo ideal de futuro.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DOS TCCs DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO UniFOA

RESUMO

Sabemos que a formação dos docentes, de modo geral, deveria ser mediada pelo compromisso pedagógico-educacional, em que as abordagens pedagógicas, tidas como necessárias para suas aulas, promoveriam o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias ao pleno desenvolvimento dos educandos. Ora, essa pressuposição não seria considerada diferente para os docentes de Educação Física, sujeitos fundamentais de nossa pesquisa. Para esses, o desenvolvimento das habilidades e competências dos educandos se daria por meio de atividades planejadas, cuja expressão desenvolvida no/pelo corpo, seja por meio de brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas, jogos pré-desportivos ou não, e outras relacionadas ao lazer, possibilitariam o melhor conhecimento sobre o corpo, e, por isso mesmo, essas atividades não podem desconsiderar os meandros inerentes à construção da identidade de gênero. Nesse sentido, pressupõe-se que a separação entre os sexos, tanto no âmbito escolar, como na Educação física, surgiu devido ao fator sociocultural, levando em consideração as pesquisas teóricas da época, tendo essas grande impacto na construção de identidade de gênero de meninos e meninas. Nesse sentido podemos perceber que há uma defasagem no campo de formação dos profissionais de Educação Física quando tratamos da compreensão do conceito de relação de gênero. E, para ilustrar melhor sobre esse problema da formação, o trabalho enunciou como objetivo analisar as abordagens atribuídas à questão de gênero na formação dos licenciados em Educação Física e, para esse intento, adotou como metodologia a pesquisa documental tendo como base a análise produção dos TCCs do curso de licenciatura em educação física do centro universitário de volta redonda, UniFOA, dos últimos 13 anos, procurando verificar se a questão de gênero foi uma preocupação na formação dos professores de Ed. Física e que concepções foram utilizadas acerca dessa questão.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Educação Física.

GENDER RELATIONS IN THE PRODUCTION OF THE TCCs OF THE COURSE OF THE LICENTIATE IN PHYSICAL EDUCATION OF UniFOA

ABSTRACT

We know that the training of teachers, in general, should be mediated by pedagogical-educational commitment, in which the pedagogical approaches, considered necessary for their classes, would promote the development of the skills and competences necessary for the full development of the students. Now, this presupposition would not be considered different for Physical Education teachers, fundamental subjects of our research. For these, the development of the students' abilities and competences would be through planned activities, whose expression developed in / through the body, whether through play, rhythmic and expressive activities, pre-sports games or not, and others related to leisure, would enable better knowledge about the body, and for this reason, these activities can not ignore the intricacies inherent in the construction of gender identity. In this sense, it is assumed that the separation of the sexes, both in the school context and in Physical education, arose due to the sociocultural factor, taking into account the theoretical researches of the time, having these great impact in the construction of gender identity of boys and girls. In this sense we can see that there is a gap in the field of training of Physical Education professionals when we deal with the understanding of the concept of gender relation. In order to better illustrate this training problem, the study aimed to analyze the approaches attributed to the issue of gender in the training of graduates in Physical Education and, for this purpose, adopted as a methodology the documentary research based on the analysis of the production of the TCCs of the licentiate course in physical education of the round university center, UniFOA, of the last 12 years, trying to verify if the question of gender was a concern in the formation of the teachers of Physics and what conceptions were used about this question.

Keywords: Gender, Education, Physical Education.

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|---|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 2. | GÊNERO: DESCOBRINDO ESSE CONCEITO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES..... | 11 |
| | 2.1 Gênero: Abordagem Histórica..... | 14 |
| | 2.2 O Conceito de Gênero e seu Impacto nas Ciências Sociais..... | 16 |
| | 2.3 Críticas ao Conceito de Gênero e Posições Ideológicas..... | 16 |
| 3. | RELAÇÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES | 19 |
| 4. | RELAÇÕES DE GÊNERO E O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA | 22 |
| 5 | METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 24 |
| 6 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 25 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| 8 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 32 |

1. INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento de qualquer produção acadêmica, em que as relações de gênero se tornam parte central da temática a ser investigada, é necessário lembrar que essas relações, tais como são percebidas na atualidade, obtiveram sua construção histórica por meio de convicções sociais e culturais que apontavam o que deveria ser tido como adequado aos homens e às mulheres. O termo “gênero” possui interpretações que merecem ser discutidas, de modo que possamos ter melhor esclarecimento sobre essa questão.

Assim, consideramos necessário neste trabalho analisar a questão de “gênero” tendo a contribuição de vários autores, em que se apresentam as possibilidades da descoberta de múltiplas abordagens, sobretudo pelas interpretações de correntes científicas e o escopo teórico-argumentativo apresentado por elas. Enfim, ao lidarmos com essa questão, sabemos dos impactos causados pelo conceito gênero nas Ciências Sociais e que as questões relacionadas ao “gênero” não se limitam à biologia, pois possuem fatores de dimensão cultural.

Nessa perspectiva, o presente trabalho pretende analisar como as questões relativas ao gênero são tratadas, delimitando um campo de investigação que é a atuação docente e, de modo específico, aquela que se refere à práxis desenvolvida por docentes de Educação Física. A escolha desse segmento docente se deve ao fato de terem suas atividades implementadas sob a perspectiva do corpo em movimento e serem parte integral da formação do autor do presente estudo, em vias de finalização da Licenciatura em Educação Física. Tendo essa preocupação, o trabalho desenvolvido optou-se investigar a produção científica do Centro Universitário de Volta Redonda, elaborada sob a forma de TCCs para o término do Curso de Licenciatura em Educação Física, coberta pelo período de 2005 a 2017, em que foram selecionados os trabalhos que trataram das questões relativas à relação dos sexos, implicadas aos gêneros. Em síntese, o objetivo do presente estudo é analisar a produção dos TCCs oriundo do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda e verificar o quanto as questões relativas aos problemas de gênero pautaram a preocupação dos formados.

Por fim, sabemos nas atividades desenvolvidas pelos docentes de Educação Física, estão presentes valores sociais, culturais, morais, modos de expressão, tidos

como corretos e incorretos etc. Eis, portanto, que iniciamos nossa reflexão, cujos itens procuram conduzir o leitor a uma melhor compreensão da questão e, ao mesmo tempo, propor a significância dessa discussão ainda presente em tempos remanescentes do séc. XXI, requerendo ainda um olhar mais atento e preocupante no âmbito da formação dos docentes de Educação Física Escolar .

2. GÊNERO: DESCOBRINDO ESSE CONCEITO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES

Conceituar sexo e gênero parece algo que não é tão simples quanto parece pela simples enunciação dessas palavras. De imediato, elas se expressam como palavras que ressoam no senso comum e que causam controvérsias no âmbito das redes sociais. Com a intenção de se atingir um entendimento mais aproximado desses conceitos, se torna primordial investigar a conceituação científica. Neste sentido Pedrosa nos diz:

Gênero classifica os organismos de acordo com suas características definidas pelos três níveis de seleção em masculino e feminino. A identidade de gênero é a convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher), diferentemente do papel de gênero, representado pelos padrões de comportamento definidos pela prática cultural em que as pessoas vivem papéis estereotipadamente masculinos e femininos. O ambiente familiar e as práticas culturais irão modelar o papel de gênero por meio do reforço social. (PEDROSA, 2009, p. 58)

Contudo, sexo e gênero, se assemelham a uma espécie de sinônimo, mas ao se tratar dessa questão se faz necessário, primariamente, analisar a origem desses termos e do que se tratam especificamente. Sobre esta questão Bourdieu (2003) esclarece que existem:

Semelhanças na diferença, tais oposições são suficiente pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida sobre determinação pelas harmonias, conotações e correspondências. (BOURDIER. 2003, p.16)

Uma melhor aproximação pode ser encontrada no Dicionário Oxford de Filosofia (1997), que apresenta a seguinte definição:

A distinção entre sexo e gênero é atribuída à antropóloga Margaret Mead (Sex and Temperament in Three Primitive Societies, 1935). O sexo é a categoria biológica, enquanto que o gênero é a expressão culturalmente determinada da diferença sexual: é modo masculino como os homens devem se comportar e modo feminino como as mulheres devem se comportar. (BLACKBURN, 1997. p.167)

Na visão de Louro (2003), gênero é um termo que passou a ser utilizado com o intuito de assinalar as distinções entre homens e mulheres, que não são apresentadas meramente por determinação física e biológica. Segundo a autora, a dessemelhança sexual anatômica não pode ser tratada de maneira separada das construções sociais e culturais da qual fazem parte. Desse modo:

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (LOURO, 2003, p. 21)

O termo gênero, de origem inglesa, *gender*, buscava identificar os corpos humanos através da construção de comportamentos construídos culturalmente, uma vez que a identidade dos indivíduos não seria decorrente apenas de suas características naturais-biológicas. Para Alves e Pitanguy na obra *O que é feminismo* (1985), o conceito de gênero seria determinado como estruturação sociocultural, concebendo ao homem e à mulher uma diferenciação nos papéis dentro da sociedade, se tornando dependente dos costumes de diferentes lugares, da forma de organização da família, da experiência diária das pessoas e da maneira que cada povo se organiza politicamente.

Nessa perspectiva sociocultural, a pesquisa desenvolvida por Joan Scott traduz o conceito de gênero, interpretando-o de modo que ele abarca mais do que a diferença macho e fêmea ou mulher e homem. Nesse sentido:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as 'construções sociais': a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1989, p.7).

Nessa perspectiva Scott (1989) compreende gênero por meio de uma categoria na esfera social, que seria determinada e construída sobre um corpo sexuado, conceituando que:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1989, p.7)

Corroborando essa perspectiva, Meyer (2008) ratifica que:

[...] ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos construímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. (MEYER, 2008, p.16)

E, sobre a memória histórica desse conceito, Viezzer e Moreira 2006 explicam que:

[...] surgiu nos EUA em meados do século XX primeiramente designando as diferenças psicológicas entre homens e mulheres. Posteriormente na Inglaterra, na década de 1970, algumas estudiosas acadêmicas debruçaram-se sobre um fenômeno curioso: as diferenças sexuais entre machos e fêmeas da espécie humana traduziam-se quase sempre em desigualdades no tratamento de homens e mulheres, em detrimento das mulheres. (VIEZZER; MOREIRA. 2006, p.30)

Contudo, muito antes da maturação acerca desse conceito, outras influências de correntes de pensamento foram fundamentais para que as questões relativas ao gênero se tornassem emergentes como veremos adiante. Contudo, estudos provenientes de várias áreas como a sociologia, o direito, a antropologia, a psicologia, a filosofia, a arte, como também a área pedagógica, tomaram o conceito de gênero como um necessário *constructo*, propiciando a fundamentação de pesquisas voltadas para a compreensão dessa questão, sobretudo na análise de como seriam estabelecidas e determinadas culturalmente as relações nas escolas.

No entanto, a questão de gênero recebeu muitas críticas advindas de segmentos sociais tidos como conservadores, tornando-se combatida, sobretudo pelos posicionamentos de natureza religiosa, que tendem a reforçar a ideia de que o gênero seria identificado naturalmente com o sexo, pelo princípio biológico-natural e que isso seria fundamentado na denominada teologia natural, garantindo o conceito tradicional de família, ou seja, pai, mãe, filhos etc.

2.1 Gênero: abordagem histórica.

A ideia central do conceito de gênero partiu da escritora francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986), conhecida no meio acadêmico como Simone de Beauvoir, que foi escritora reconhecida no meio intelectual como filósofa existencialista, ativista política feminista e teórica social francesa.

Na descrição de Louro ela diz:

(...) que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os *estudos da mulher*. (LOURO. 2003, p. 16)

Simone De Beauvoir teve forte influência nos movimentos feministas no século XX, período em que escreveu a obra "O Segundo Sexo Fatos e Mitos" (1949), de grande impacto social no âmbito da questão feminista, tratando das relações de gênero. A questão mais marcante de sua obra resume-se à investigação sobre o que é ser uma mulher. Tornada essa a questão essencial de seu trabalho, a resposta proposta pela autora refuta que "Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.". (BEAUVOIR. 1949, p.7). É exatamente nesse ponto que reside nossa reflexão sobre o conceito de gênero.

Na realidade, esse conceito de origem inglesa, da palavra "gender" teve apropriação da ciência da psicologia norte americana nos anos 60, dentre os quais se destacam os psicólogos John William Money (1921-2006) e Robert Jesse Stoller (1924-1991), que propunham uma identidade de gênero que seria identificado a um corpo, independente do tipo de corpo humano ao qual fosse associado. O objetivo dos estudos desses autores era compreender porque haveria uma concepção de

sexo ambíguo, ou seja, pessoas que demonstravam tanto características sexuais femininas como masculinas, tornando a concepção de gênero importante para seus estudos.

Uma vez que a identidade gênero dessas pessoas não era decorrente de suas características corporais biológicas, haveria a constituição dessa dicotomia entre o conceito de sexo, que se valia das concepções de corpo, isto é, da dimensão biológica e o conceito de gênero, que procurava investigar as atitudes e culturas que seriam correspondentes a esse corpo.

Nessa perspectiva, gênero vem a ser todos os aspectos socioculturais constituídos historicamente, que caracterizariam os indivíduos e seus respectivos corpos, compreendendo preferências, comportamentos e interesses relacionadas à forma do modo relacionado ao como se vestir, à forma de falar e andar, ambas relacionadas àquilo que seria correspondente ao ser homem ou mulher. Todas essas características enunciadas anteriormente, ao serem agregadas a um corpo humano, tornar-se-iam algo imutável e fixo, gerando diferenças significativas entre o modo de ser masculino e o feminino.

Nessa mesma concepção, a obra *Conceitos de Gênero no Planejamento do Desenvolvimento*, dos autores Shallat e Paredes, publicada em 1995, a partir de pesquisa desenvolvida no Instituto Internacional de Pesquisa e Capacitação das Nações Unidas para a Promoção da Mulher (INSTRAW), ao buscarem o entendimento sobre o conceito de gênero, lançam uma pergunta essencial: O que é Gênero? Em resposta a essa pergunta, os autores reforçam o modo como até o momento conceituamos gênero, isto é,

(...) um conceito que se refere a um sistema de papéis e de relações entre mulheres e homens, os quais não são determinados pela biologia mas pelo contexto social, político e econômico. O sexo biológico de uma pessoa é dado pela natureza; o gênero é construído. (SHALLAT. PAREDES. 1995, p.15)

As características sexuais seriam algo natural ao corpo, ou seja, seria algo inato e previamente determinado pela natureza, diferente do conceito de gênero, que seria estabelecido a partir de características comportamentais e socioculturais, construídas tanto na fase infantil como na vida adulta, onde os papéis sociais seriam independentes das características biológicas e, portanto, naturais de cada indivíduo.

2.2 O conceito de gênero e seu impacto nas ciências sociais

O tema das relações de gênero, por ser bastante complexo e ultrapassar as questões relacionadas à concepção biológica sexual, tornou-se fundamental para compreendermos as formas de interação entre os indivíduos, de modo que não poderíamos representar pessoas, pura e simplesmente pela definição sexual, natural-biológica, esta concepção seria insuficiente e, para tanto, os estudos em torno do conceito de gênero começaram a implicar em diversas discussões no campo das ciências sociais, como por exemplo, a sociologia, a antropologia, a psicologia, como vimos anteriormente. Neste sentido, VILELLA & ARILHA, afirmam que:

Enquanto seres sexuados, percebemo-nos e situamo-nos no mundo como mulheres ou como homens. Tal percepção, embora tome como base a anatomia corporal visível, é mais prescritiva do que descritiva, pois o que é captado da corporeidade não é apenas “tenho uma vagina” ou “tenho um pênis”, e sim, “devo ser, sentir e me comportar deste ou daquele modo”. O gênero constitui o modo como nos relacionamos com nós próprios e com o outro. Assim, incide no processo de produção simbólica, definindo a maneira como cada um percebe o mundo, apreende os códigos de interpretação da cultura e estabelece pautas de interação com o outro, marcando a atuação social de cada indivíduo. (VILELLA & ARILHA, 2003, p.115)

A concepção de relações de gênero teve forte impacto nas diversas áreas de conhecimento e, partindo de uma perspectiva culturalista, as formas tanto masculina quanto feminina, seriam distintas das características biológicas, de caráter normativo e modelador de homens e mulheres. Da mesma maneira que o conceito de gênero impactou várias áreas de conhecimento, este conceito também foi norteador de diversas pesquisas na área educacional onde alguns docentes e estudantes interpelam as experiências vividas em seu cotidiano sob a ótica do gênero.

2.3 CRÍTICAS AO CONCEITO DE GÊNERO E POSIÇÕES IDEOLÓGICAS

O estudo da temática de gênero no âmbito educacional pode causar divergências ideológicas e de tensão entre os pesquisadores que se dedicam a essa investigação; porém, precisamos entender que essas características socioculturais

são marcantes, não somente para alunos, como também para professores. Assim, conhecer sobre esse tema, teorizar, investigar são atitudes fundamentais e não há sentido em negar que as questões de gênero tornaram-se problematizadas no âmbito escolar, sobretudo, pelos posicionamentos que anteriormente apontamos, provenientes de segmentos representantes dos valores tradicionais da sociedade, sobretudo de confissão e tradição religiosa cristã.

A posição defendida pelo pensamento religioso, que tem por base a interpretação teológica, de cunho essencialmente naturalista, define o fator natural-biológico do sexo como uma determinação divina/natural e, portanto, intocável como salienta Rosado-Nunes: “As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos” (ROSADO-NUNES. 2005, p. 363). Portanto, as concepções acerca das definições de masculino e feminino são tidas como dogmas e para tanto divergir dessa concepção seria um pecado contra a concepção divina.

Diferente dessa posição tida como tradicional, uma interpretação estritamente laica é aquela proposta pela teoria *queer*, oriunda dos Estados Unidos, nos anos 80, sendo uma corrente teórica pós-estruturalista, reconhecida por se contrapor criticamente aos estudos sociológicos sobre as minorias sexuais e gênero, o termo *queer* se autodenominou assim em razão do sentido de anormalidade, do sentido de xingamento, perversão e desvio. (MISKOLCI. 2009, p. 151)

Configurado sob esses termos em sua obra “A Teoria Queer e a Sociologia: O Desafio de uma analítica da normalização”. Louro (2004) diz: *Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário.* (LOURO. 2004, p. 38)

Neste sentido, Butler (2002), mencionada como uma das pioneiras da teoria *queer*, enfoca que essa expressão tem concretizado uma prática linguística com a intenção de degenerar os sujeitos aos quais se refere. Ela diz: “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Por isso, a concepção é dar uma nova interpretação ao termo, passando a compreender *queer* como uma prática de vida que se dispões em oposição às normas socialmente aceitas.

Ao investigar sobre a temática de sexo e gênero, Miskolci afirma que a compreensão da sexualidade e identidade de gênero dos indivíduos são resultados de um constructo social “O diálogo entre a Teoria Queer e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica.” (MISKOLCI. 2009, p.151). Isto é, o que determina ser homem ou mulher não é o fator biológico, mas os papéis dos indivíduos em relação ao seu meio social. Nesse mesmo sentido de acordo com Louro “Os gêneros se fazem e se refazem continuamente ao longo da existência, que são socialmente produzidos, portanto são dependentes da história e das circunstâncias.” (LOURO. 2003, p.12).

Pressupostamente há uma compreensão natural do homem como exemplifica Miskolci. Para este sociólogo nascido em 1971 formado na Universidade de São Paulo e na Universidade de Chicago, existe uma maioria de face hegemônica normalizada “heterossexual”, e uma minoria um tanto diferente, ou seja, desviantes do padrão normal compreendido pela sociedade. Essa minoria com desvios tratava-se das demais sexualidades. (MISKOLCI. 2009, p. 151). E a exemplo disso temos diversas variantes de sexualidade e identidade de gênero como: travestilidade e homossexualidade masculina e feminina.

O estudo das relações de gênero no âmbito educacional permeia, entre outras questões, sobre o fato de como se constituem a formação indentitária de meninos e meninas dentro das escolas. Permitindo, assim, uma melhor compreensão da identidade de gênero dos alunos nas escolas, para além, daquela normatizada e estabelecida pelas formas tradicionais de compreensão dos gêneros.

3. RELAÇÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES

Para contextualizar esse problema, pensemos: Será mesmo possível distinguir meninos de meninas apenas por seu fator biológico no espaço escolar? Seus interesses e aptidões têm caráter definidor sexual ou sua identidade de gênero? É necessário um tratamento diferenciado para meninos e meninas nas escolas?

A autora Guacira Lopes Louro ao escrever a obra *Gênero Sexualidade e Educação* diz que tanto essas como outras questões acerca da concepção de gênero precisam ser postas em questão.

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. (LOURO. 2003, p. 64)

Para Lopes & Galvão diversas análises sob a concepção de gênero surgirão como caráter definidor dos papéis sexuais.

A História da Educação também aceitou essa contestação e esse desafio [...]. Na área da educação, diversas obras têm surgido tomando o gênero como uma categoria de análise definidora dos papéis sexuais a serem desempenhados por homens e mulheres na sociedade. (LOPES & GALVÃO. 2001 p. 69)

A problematização acerca do conceito de gênero necessita ser empregada, para que haja mudanças na forma de ensinar alunos e alunas com características desviantes como menciona Miskolci acima. É preciso não somente modificar o conteúdo ensinado, mas também a forma como nós educadores ensinamos, utilizando-se não somente de correntes teóricas positivas, mas também de teorias críticas a concepção de gênero, precisando estar sempre alerta principalmente ao fator linguístico como cita a autora Guacira Lopes Louro:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o

etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui. (LOURO. 2003, p.64)

Não se muda a forma de tratamento aos alunos e alunas no espaço escolar apenas se utilizando de conteúdos programáticos ou prescritos, sem que tão logo o docente em função de seu caráter profissional também mude sua forma de abordagem a este tipo de aluno supostamente não normatizado. A formação dos professores como um todo deve considerar o conceito de gênero para que o docente possa lidar melhor com os papéis sociais atribuídos ao masculino e feminino, havendo uma necessidade de se reinventar a educação proporcionada no âmbito escolar como diz Candau (2005) em sua obra *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*.

O professor deve procurar formas de tratamento igualitárias aos alunos, indiferentemente do gênero constituído de cada aluno, procurando possibilitar o direito de construções de identidade de gênero do corpo discente Santos propõe que: “As pessoas e os grupos sociais têm o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”. (SANTOS. 2003, p. 10).

A autora Guacira Lopes Louro deixa bem claro que existe uma distinção hegemonicamente constituída pela escola:

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se sucumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou meninos de meninas. (LOURO. 2003, p.57)

A escola como transmissora de conhecimento deve também levar em consideração que há alunos e alunas no corpo discente que entre si se igualam biologicamente, também deve se levar em consideração que os mesmos se diferenciam segundo sua identidade de gênero e para tanto necessitam novas perspectivas didáticas para que haja uma boa relação entre professor-aluno e aluno-aluno de convivência em grupo, sendo um dos pilares da educação descritos por

Jacques Delors em sua obra Educação: um tesouro a descobrir, o pilar “aprender a viver juntos”, Delors sugere a importância da cooperação coletiva entre os indivíduos. Nessa perspectiva o autor diz no seu quarto capítulo intitulado “Os Quatro Pilares da Educação” que: “[...] aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas [...]” (DELORS. 2003 p. 90).

Se a formação dos professores tem a necessidade de considerar a construção de identidade de gênero, esse papel também cabe ao professor de educação física, e por isso, o educador físico participante da formação de opinião e por lidar com esses sujeitos, alunos e alunas, a partir da dimensão do corpo em movimento, ele pode ser fundamental no trato das relações de gênero que são estabelecidas entre os discentes.

O professor de Educação Física tem papel fundamental de transformação, mas a sociedade teve também sua influência, como sugere Renata Duarte Simões em sua obra Gênero, Educação e Educação Física: Um Olhar Sobre a Produção Teórica Brasileira “Contudo, nem só de professores e professoras vive a escola e a sociedade. Ao longo dos tempos a própria sociedade vem educando as mulheres, podendo suas manifestações mais revolucionárias” (SIMÕES. 2006, p.11).

4. RELAÇÕES DE GÊNERO E O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Simões (2006) diz que, “na Educação Física, até o final da década de 70 e início da década de 80, alguns estudos sugeriram a separação dos sexos, como também a distribuição desses em função dos esportes e das brincadeiras.” (SIMÕES. 2006, p. 8). Nesse sentido pressupõe-se que a separação entre os sexos tanto no âmbito escolar como na Educação física surgiu devido ao fator sociocultural, levando em consideração as pesquisas teóricas da época, tendo grande impacto na construção de identidade de gênero de meninos e meninas. E a educação física contribuiu nesse impacto tendo esta como proposta de compreender e aperfeiçoar o corpo em movimento, se utilizando do seu foco central o esporte, como reforço dessa separação.

Contudo, diante da construção de gênero que vinha ganhando força desde o movimento feminista; será que a Educação Física deveria reforçar a separação entre os sexos, sem levar em consideração as características identitárias de gênero apresentadas pelos discentes, uma vez que a Educação Física escolar tem papel social e participação coletiva? Ou seu papel como formadora de opinião é fazer com que os alunos compreendam e respeitem uns aos outros, no intuito de fortalecer o bom convívio em sociedade através do esporte?

Nesse sentido, segundo Altmann (1999), tanto o espaço físico como o esporte serviram para reforçar a distinção entre os sexos, como também exaltaram o sexo masculino como superior ao sexo feminino.

Nas escolas, os locais de difícil acesso eram mais frequentados por meninos do que por meninas. Eles ocupavam espaços mais amplos que elas por meio do esporte, o qual estava vinculado a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa. Outra estratégia utilizada pelos meninos para uma ocupação mais ampla do espaço era a transgressão de normas escolares. (ALTMANN, 1999, p. 249)

Contudo este reforço ao sexo masculino no esporte subjugou a possibilidade dos alunos e alunas de gêneros que fugiam a normalidade hegemônica da heterossexualidade, de se posicionarem diante dos outros no espaço escolar. Nesse contexto, a escola e o professor de educação física que por sua vez deveria salientar o respeito e bom convívio com os outros no esporte e no espaço escolar, ficarão neutros diante da realidade constituída pelos alunos de gênero que fugia ao padrão aceitável.

Dessa forma essa neutralidade do professor de Educação Física e da escola, serviu como reforço de injustiça social. Ora, se o professor de educação física diante desta realidade se mantém neutro, sugere-se que o mesmo esteja se colocando do lado opressor, e se o professor de Educação Física ao ver que seu aluno ou aluna vive em conflito segundo sua realidade no que diz respeito à constituição de gênero, esta escola e este professor serão tolos e passivos, o que proporciona uma visão estereotipada dos alunos e professores a respeito de pessoas que possuem gêneros diferentes, tornando o processo de formação educacional desumano.

Para Carmem Lucia Soares (2006) em sua obra “Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte” as práticas de atividades e exercícios físicos não são, puramente, ações que possibilitam o desenvolvimento dos processos anatômicos, biológicos e fisiológicos, mas uma agregação de processos, afetivos e de identidade que desenvolvem e tem efeitos, diferenciados, na vida dos discentes. Nesse sentido, podemos perceber que há uma lacuna no campo de formação dos profissionais de Educação Física quando tratamos da compreensão do conceito de relação de gênero.

Para ilustrar melhor sobre esse problema da formação, nosso estudo investigou a produção científica dos TCCs do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA, nos últimos 13 anos, procurando verificar se a questão de gênero foi uma preocupação na formação desses novos professores de Educação Física. Muito embora, saibamos da riqueza de problemas que tornam a práxis docente vulnerável, cremos ser a questão relacionada aos gêneros uma das mais significativas, tendo em vista as consequências sociais, como a violência contra a mulher, a homofobia, e outros graves problemas que enfrentamos socialmente.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Quanto à abordagem do problema, caracteriza-se como pesquisa qualitativa, uma vez que buscou realizar a análise das informações provenientes de diversas fontes, para a elaboração do trabalho a partir de dados sobre o tema em questão. O estudo partiu de um levantamento teórico sobre o tema da pesquisa, buscando identificar os elementos que se relacionam com o objetivo proporcionando resposta adequada ao problema de pesquisa. A metodologia do estudo compôs-se de pesquisa bibliográfica, propiciando a coleta de informações de ordem teórica, por meio de descritores, tendo o levantamento de artigos sido propiciado pela utilização das plataformas Scielo e Google Acadêmico.

Outro procedimento adotado foi a pesquisa documental, essa, por sua vez, partiu do levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos no âmbito da formação do Curso de Licenciatura em Educação Física. O período levantado foi de 2005 a 2017.

Sendo selecionados somente os trabalhos que tinham alguma referência em seu título sobre a relação dos sexos, ou ainda, que possuíam, de modo explícito, o termo gênero. Todos os trabalhos selecionados, portanto, foram alocados a partir desse critério de inclusão, excluindo-se todos os outros que não se relacionavam com esse critério. A fonte documental foi o repositório de TCCs do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda, identificando, primeiramente, os temas dos TCCs, a partir do levantamento de 712 TCCs. Foram encontrados nove trabalhos com temas especificados sobre a questão. A seguir, identificou-se o título do trabalho, ano e autores utilizados para a fundamentação teórica. Para efeito de melhor compreensão, adotamos a categorização dos TCCs, tendo em vista os títulos dos mesmos, classificando-os em descritores, cujo objetivo foi propiciar uma melhor interpretação dos dados. Assim, foram categorizados a partir dos seguintes descritores: **Metodologia da pesquisa aplicada ao TCC, Abordagem sobre o Feminino, Abordagem sobre a homossexualidade, Atuação docente, Autores utilizados para a Fundamentação teórica.**

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

QUADRO 1 – Metodologia da pesquisa aplicada ao TCC

| | |
|--|-------------------------------------|
| 6 TCCs utilizaram pesquisa bibliográfica e | 3 TCCs utilizaram pesquisa de campo |
| 66,6% | 33,4% |

Ao se verificar os resumos dos TCCs, o modelo de pesquisa mais adotado para a produção dos mesmos foi a pesquisa bibliográfica. As revisões de natureza bibliográfica podem ser consideradas relevantes no trato das questões relativas aos estudos de gênero e como essas auxiliam na formação do docente de educação física. Contudo, destaca-se nesse processo de formação, a importância que o docente percebe no contexto das relações de gênero, quando ele investiga esse problema sob a forma de pesquisa científica *in loco*. Foi isso que encontramos em 33,4% dos TCCs investigados. Na realidade, esses TCCs adotaram a pesquisa de campo sob o modelo de estudo de caso, em que o pesquisador, discente do Curso de Licenciatura em Educação Física, atuando como pesquisador de campo, pode vivenciar como as questões relativas à discriminação de gênero influenciam na atuação do docente de Educação Física. Esse destaque é importante, pois trata-se, mais do que o encontrado pelo pesquisador, a experiência que o discente-pesquisador pôde vivenciar, auxiliando em seu processo de formação.

Com certeza, a leitura de artigos foram fundamentais para a condução da pesquisa de campo e isso tornou os referidos TCCs que optaram pela pesquisa de campo, mais relevantes do ponto de vista da formação do docente de Educação Física. Nesse sentido, este trabalho procurou elencar pesquisas bibliográficas que pudessem ter relevância à temática de gênero no sentido de auxiliar o desenvolvimento do trabalho, propiciando um estudo para entender as questões no que se refletem ao conceito de gênero, partindo de uma abordagem histórica, o trato nas ciências sociais e no âmbito escolar e, por último verificar como as questões de gênero são tratadas nas aulas de educação física.

QUADRO 2 - Abordagem sobre o Feminino

| |
|---|
| 7 TCCs classificados |
| Todos os Tccs classificados indicam formas de preconceito adotadas em relação à participação feminina nas aulas de Educação Física. |

Em relação ao descritor Abordagem sobre o Feminino, dentre os nove TCCs encontrados, sete deles trazem essa discussão. Verifica-se, pela análise dos resumos, que os problemas relativos à discriminação por gênero estariam associados à inculturação, isto é, o processo de apropriação da cultura na qual o indivíduo se encontra e que, portanto, da qual a escola faria parte, atuando de modo que as relações entre meninos e meninas seriam tidas como “naturalizadas”. A inculturação prevê que valores tidos como “normais” sejam absorvidos pela comunidade, tornando-se modo de relação, tido como natural, sem que haja contestação dos comportamentos inculturados. Ora, as questões relativas às relações dos sexos possuem forte traço inculturado e determinariam, por exemplo, para meninos, a cor azul e, para meninas, a cor rosa. Essa naturalização perpassa todos os aspectos da vida e da maturação das crianças e adolescentes, que dividem e especificam tipos de jogos, brincadeiras, cantigas, atividades rítmicas e expressivas, atividade esportiva etc. Assim, haveria, por parte da disciplina de Educação Física, um forte apelo à adoção dos modelos inculturados, sobretudo, nas atividades em que seria privilegiada a separação de meninos e meninas, impedindo a adoção de atividades que integram a conjunta participação de ambos os sexos. Um argumento, de senso comum, seria aquele em que os meninos teriam algum tipo de vantagem em função da força física e liberdade de movimentos em relação às meninas.

QUADRO 3 - Abordagem sobre a homossexualidade

| |
|--|
| 2 TCCs classificados |
| Todos os TCCs classificados indicam formas de preconceito adotadas em relação à homossexualidade |
| Os 2 TCCs que tratam dessa temática foram elaborados por pesquisa bibliográfica |

Os dois TCCs que abordam questões relativas à homossexualidade foram produzidos nos anos de 2007 e 2016. O TCC desenvolvido em 2007, não explicita a temática sobre a homossexualidade, em seu título, tendo sido nomeado como *Sexualidade na escola* e, ainda, em seu resumo, apresenta termo considerado impróprio para uma análise com pretensões científicas, ao se referir ao tema como preconceito ao Homossexualismo.

Em 1973, os Estados Unidos retirou “homossexualismo” da lista dos distúrbios mentais da American Psychology Association, passando a ser usado o termo Homossexualidade. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99, considerando que ‘a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão. Por isso, o sufixo ‘ismo’ (terminologia referente à ‘doença’) foi substituído por ‘dade’ (que remete a ‘modo de ser’).”

Como o trabalho desenvolvido em 2007 foi produzido em uma época em que essa questão de nomenclatura já havia sido estabelecida, cremos ser necessário apontamos essa correção, sobretudo por se tratar de um TCC como expressão significativa da formação de um docente que tem por perspectiva atuar junto às mais variadas formas de ser do humano.

Já, o Trabalho desenvolvido em 2016, com o título *Educação Física Escolar, Homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: Um ponto de vista*, trouxe uma abordagem mais aderente ao que prevê a legislação de Ensino sobre o respeito à diversidade, considerando-se o referido TCC de cunho estritamente contemporâneo em relação à atuação do docente de Educação Física.

QUADRO 4 - Atuação docente

| 9 TCCs classificados = 100% | |
|---|-------|
| Todos os TCCs classificados abordam questões relativas à atuação do docente em relação ao trato das questões relativas ao gênero. | |
| Formas da atuação docente | % |
| 2 TCC indicam atuação negativa | 22,2% |
| 4 TCC indicam atuação positiva conservadora | 44,4% |
| 3 TCC indicam atuação positiva pedagogia progressista | 33,4% |

Todos os TCCs encontrados fizeram menção à atuação docente. Adotamos uma forma de categorizá-la, tendo em vista a necessidade de análise. Assim, indicamos que essa forma do docente intervir no processo ensino-aprendizagem, por meio de atividades próprias da Educação Física Escolar, não encontrou padrões exclusivos, isto é, percebemos que os docentes possuem modos diferenciados de abordarem na práxis pedagógica as questões relativas às relações de gênero.

Em destaques, os TCCs, cujos títulos são: *Educação Física Escolar: A Desmotivação Feminina nos últimos ciclos do ensino fundamental* (2006); *Igualdade de Gênero da Educação Física Escolar*. (2016), indicou atuação negativa do docente em sua pesquisa de campo. cremos ser um registro que não encontra relevância face aos modos que os outros docentes adotaram para a condução de suas atividades.

O fato de termos TCCs coletados em anos tão diferenciados nos permitiu verificar se haveria algum tipo de padrão na atuação do docente e o encontramos, pois, tendo em vista período tão diversificado e realidades de pesquisa tão diferenciadas, permaneceu a atuação docente classificada como conservadora.

Utilizamos essa nomenclatura por compreender como conservadora, em que a atuação docente desenvolve técnicas e práticas que tendem a reforçar a ideia de que o gênero seria identificado naturalmente com o sexo, pelo princípio biológico-natural, e que isso seria fundamentado na denominada teologia natural, garantindo o conceito tradicional de família, ou seja, pai, mãe, filhos etc.

Em destaque para essa análise sobre a forma de atuação conservadora estão os TCCs: *Sexualidade na escola* (2007); *Meninos dentro, meninas fora: a discriminação por gênero presente nas aulas de Educação Física* (2006); *Educação Física Escolar, Homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: Um ponto de vista* (2016) e *Educação Física Escolar e Imagem da Mulher: Produção ou Reprodução* (2016).

A partir de nossa análise também verificamos os trabalhos em que a atuação docente preconizaria uma pedagogia progressista, em que se percebe a atuação docente partindo de uma perspectiva crítica e que não estaria acomodada com a situação vigente no âmbito escolar, portanto, estes TCCs, buscaram novas metodologias por meio da apresentação de práticas que possibilitam a

transformação da realidade social. Destaca-se Paulo Freire como um dos autores, utilizados no referencial teórico para fundamentar essa abordagem. Os trabalhos encontrados que preconizam essa atuação progressista foram: *As influências do gênero na arquitetura das práticas corporais – CIEP 284 Estudo de Caso* (2010); *Educação Física no Curso Normal: Implicações de Gênero* (2015) e *O tema gênero nas aulas de educação física: revisitando os trabalhos do congresso brasileiro de ciências do esporte* (2017).

Assim, indicamos que a forma do docente intervir no processo ensino-aprendizagem, por meio de atividades próprias da Educação Física Escolar tem papel de suma importância para o trato das questões em que se abordam a temática de gênero, o professor de Educação Física, bem como os professores de outras disciplinas, deve procurar perceber essas realidades injustas a alguns alunos, e tentar modificar a realidade em que vivem. Sua práxis docente deve procurar promover relações de equidade entre os sexos, de modo a se produzir outras práticas de Educação Física.

QUADRO 5 - Autores utilizados para a Fundamentação teórica.

| AUTORES | FREQUÊNCIA | ANOS | % |
|----------|------------|--------------------------|-------|
| ALTMAN | 4 | 2006/2015/2016/2017 | 44,4% |
| SOUZA | 3 | 2006/2010/2016 | 33,4% |
| LOURO | 4 | 2006/2006/2015/2017 | 44,4% |
| OLIVEIRA | 4 | 2006/2006/2015/2016 | 44,4% |
| DARIDO | 4 | 2006/2007/2016/2016 | 44,4% |
| PCN | 5 | 2006/2007/2010/2015/2016 | 55,5% |
| CARVALHO | 3 | 2007/2007/2016 | 33,4% |
| SANTOS | 4 | 2006/2016/2016/2016 | 44,4% |
| ALVES | 3 | 2015/2016/2016 | 33,4% |
| COSTA | 3 | 2006/2016/2017 | 33,4% |

A partir da análise dos TCCs encontrados, procuramos verificar os autores mais utilizados para a fundamentação dos argumentos apresentados no suporte teórico dos trabalhos, para tanto utilizamos como descritor a expressão *autores utilizados para a fundamentação teórica*. Através desse levantamento identificamos que os autores Altman; Souza; Louro Oliveira; Darido; os PCNs; Carvalho, Santos; Alves e Costa, como os mais utilizados pelos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA para a fundamentação teórica dos trabalhos.

Adotamos como critério de escolha, autores que tenham sido utilizados para a fundamentação teórica de, no mínimo, três trabalhos. Assim, essa frequência foi a que consideramos significativa e, para aqueles autores, citados para a fundamentação teórica e que só apareceram com a frequência de 1 a 2 nos trabalhos, foram desconsiderados para a pertinência do critério. Verificamos também os anos em que os autores citados foram mencionados como teóricos para a fundamentação teórica dos TCCs e identificamos que em muitos anos esses não se repetiram. Por último, verificamos a porcentagem de utilização desses autores nos TCCs, levando em consideração os 9 trabalhos em que são tratadas temáticas relacionadas ao gênero, equivalem a 100%. Contudo, em nossa pesquisa, elaborada em 2018, percebemos que autores que são referenciais teóricos importantes no trato da questão de gênero como, Judith Butler, precursora da teoria Queer (1980) não foi mencionada nas pesquisas anteriormente selecionadas. E Joan Scott que procurou categorizar o gênero enfatizando sua importância, nomeada em pesquisa datada de 2017, “*O tema gênero nas aulas de educação física: revisitando os trabalhos do congresso brasileiro de ciências do esporte*”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, as questões relativas às relações de gênero foram levantadas a partir da produção dos TCCs produzidos pelo Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda, encontrando um número de trabalhos relativamente pequeno com esse foco temático ao longo dos últimos 13 anos. Muito embora a fundamentação teórica, tornada possível a partir da riqueza de artigos e referencial bibliográfico que abordam o conceito de gênero, sua origem, sua dimensão sociológica e sua pertinência presente no âmbito educacional, pode ser considerada como base significativa para a formação do docente de Educação Física, ainda assim, tendo o conjunto de, aproximadamente, 712 TCCs desenvolvidos como trabalhos que expressam a preocupação das questões com as quais os docentes de Educação Física lidam no dia-a-dia da escola, termos encontrado 9 trabalhos no conjunto desse total de TCCs, que equivale a 0,12% da produção acadêmica desse curso, o que soou como pouco, talvez muito pouco, como expressão de preocupação de algo que deveria ser considerado relevante para a formação desse docente.

Como vimos, o corpo em movimento, não está desconectado da inculturação dos valores e esses, com certeza, estão consignados às relações de gênero. Tornar essa uma questão evidente e necessária para a reflexão dos que formam novos docentes para a atuação na Educação Física Escolar é o que podemos deixar como claro nessas considerações finais; afinal, cremos ter alcançado o objetivo indicado no início do presente estudo, mas ainda assim, os juízos que podemos inferir desse objetivo atingido estão para além do mesmo.

Pensar na produção dos TCCs é um fator indicativo do que seria tematizado na formação de novos docentes, seja no presente estudo, que se tornou também associado às fileiras dos demais TCCs e que deve ser considerado um alerta sobre o que tematizamos e o seu significado para a formação daqueles que auxiliam a moldar valores, identidades e vidas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 52-64, ago.1999.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de Filosofia. **Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes**; [tradução, Desidério Murcho et al.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. **Críticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 55 a 81.

CANDAU, V.M. (org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2 ed. São Paulo. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Fontes e história da Educação**. In: História da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. cap. III, p. 77-96.

MEYER, D. E. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p. 09-27.

MISKOLCI, R. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Revista Sociologias. Porto Alegre. Ano 11, n. 21, 2009, p. 150- 182.

PEDROSA, João Batista. **Característica Comportamental e Gênero**. In: VIEIRA, Tereza Rodrigues; PAIVA, Luiz Airton Saavedra de. (Orgs.). *Identidade Sexual e Transexualidade*. São Paulo: Roca, 2009.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Rev. Estud. Fem. [online]** .2005, vol.13, n.2, pp.363-365. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. xxxxx

Shallat, Lezak; Paredes, Ursula. **Conceitos de Gênero no Planejamento do Desenvolvimento: Uma abordagem básica**. Canadá, 1995.

SANTOS, B.S. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SIMÕES, R. D. **Gênero e Educação Física: Um olhar sobre a produção teórica brasileira**, USP, 2006.

SOARES, Carmen. **Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte**. In: Rago, M. e Veiga Neto. *As figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Contexto, 2006.

VIEZZER, M.; MOREIRA, T. (orgs). **Um Outro Jeito de Ser**. São Paulo: Rede Mulher de Educação/Unicef, 2006.

VILLELA, Wilza V. & ARILHA, Margareth. (2003). **Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos**. In BERQUÓ, Elza (org.). *Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP.